

ESTUDOS ARQUEOLÓGICOS DE OEIRAS

Volume 22 • 2015



Editor Científico: João Luís Cardoso

CÂMARA MUNICIPAL DE OEIRAS
2015

Estudos Arqueológicos de Oeiras é uma revista de periodicidade anual, publicada em continuidade desde 1991, que privilegia, exceptuando números temáticos de abrangência nacional e internacional, a publicação de estudos de arqueologia da Estremadura em geral e do concelho de Oeiras em particular.

Possui um Conselho Assessor do Editor Científico, assim constituído:

- Dr. Luís Raposo (Museu Nacional de Arqueologia, Lisboa)
- Professor Doutor João Zilhão (Universidade de Barcelona e ICREA)
- Doutora Laure Salanova (CNRS, Paris)
- Professor Doutor Martín Almagro Gorbea (Universidade Complutense de Madrid)
- Professor Doutor Rui Morais (Universidade do Minho)

ESTUDOS ARQUEOLÓGICOS DE OEIRAS

Volume 22 • 2015 ISSN: 0872-6086

EDITOR CIENTÍFICO - João Luís Cardoso
DESENHO E FOTOGRAFIA - Autores ou fontes assinaladas
PRODUÇÃO - Gabinete de Comunicação / CMO
CORRESPONDÊNCIA - Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras
Fábrica da Pólvora de Barcarena
Estrada das Fontainhas
2745-615 BARCARENA

Os artigos publicados são da exclusiva responsabilidade dos Autores.

Aceita-se permuta
On prie l'échange
Exchange wanted
Tauschverkehr erwünscht

ORIENTAÇÃO GRÁFICA E

REVISÃO DE PROVAS - João Luís Cardoso e Autores

PAGINAÇÃO - M. Fernandes

IMPRESSÃO E ACABAMENTO - Gráficas Amares, Lda. - Amares - Tel. 253 992 735

DEPÓSITO LEGAL: 97312/96

ÍNDICE GERAL / CONTENTS

PAULO VISTAS

Prefácio

Foreword 5

JOÃO LUÍS CARDOSO

A investigação da antiguidade do Homem no Portugal de Oitocentos: um contributo para a História da Ciência

The antiquity of man's research in Portugal during the nineteenth century. A contribution to the History of Science 9

JOÃO LUÍS CARDOSO

Carlos Ribeiro (1813-1882), as formações quaternárias portuguesas e a antiguidade do homem: um manuscrito desconhecido

Carlos Ribeiro (1813-1882), the Quaternary Portuguese formations and the antiquity of Man: an unknown manuscript 43

JOÃO LUÍS CARDOSO

Na Estremadura do Neolítico Antigo ao Neolítico Final: contributos de um percurso pessoal

From Early to Late Neolithic in Estremadura, Portugal. Contributions of a personal scientific career 93

JOÃO LUÍS CARDOSO, ANA CATARINA SOUSA & MARIA DA CONCEIÇÃO ANDRÉ

O povoado do Carrascal (Oeiras). Estudo das ocupações do Neolítico Final e do Calcolítico

The Carrascal settlement. Study of the Late Neolithic and Chalcolithic occupations 139

NUNO NETO, PAULO REBELO & JOÃO LUÍS CARDOSO

O povoado do Neolítico Final e do Calcolítico da Travessa das Dores (Ajuda – Lisboa)

The settlement of the Late Neolithic and Chalcolithic Travessa das Dores (Ajuda – Lisbon) 235

CLÁUDIA COSTA & FRANCISCO ROSA CORREIA

A componente animal no Calcolítico Pleno da Estremadura portuguesa: o conjunto de fauna do Alto de Santo Antão (Óbidos)

Animal component in the Portuguese Estremadura Middle Chalcolithic: the assemblage of Alto de Santo Antão (Óbidos) 281

ANTÓNIO P. GONÇALVES, ANTÓNIO M. MONGE SOARES, MARIA JOSÉ OLIVEIRA,

LUIS CERQUEIRA ALVES, PEDRO VALÉRIO & JOÃO LUÍS CARDOSO

Caracterização de uma conta de vidro proveniente do povoado fortificado calcolítico da Moita da Ladra (Vila Franca de Xira)

Characterization of a glass bead from the Chalcolithic fortified settlement of Moita da Ladra (Vila Franca de Xira) 291

ANA MARGARIDA ARRUDA & JOÃO LUÍS CARDOSO A necrópole da Idade do Ferro de Vale da Palha (Calhariz, Sesimbra) <i>The Iron Age necropolis of Vale da Palha (Calhariz, Sesimbra)</i>	301
JOSÉ D'ENCARNAÇÃO Era aqui que Febo adormecia <i>This Was the Place Where Phæbus Fell Asleep</i>	315
MARTÍN ALMAGRO-GORBEA <i>Sacra Saxa</i> . 'Peñas Sacras' propiciatorias y de adivinación de la <i>Hispania Celtica</i> <i>Propitiatory and Divination 'Sacred Rocks' in Celtic Iberia</i>	329
PAULO OLIVEIRA RAMOS Sobre as causas do martirólogo dos (nossos) monumentos <i>On the causes of the martyrology of (our) monuments</i>	411
CENTRO DE ESTUDOS ARQUEOLÓGICOS DO CONCELHO DE OEIRAS Relatório das Actividades desenvolvidas em 2014	423

SOBRE AS CAUSAS DO MARTIROLÓGIO DOS (NOSSOS) MONUMENTOS

ON THE CAUSES OF THE MARTYROLOGY OF (OUR) MONUMENTS

Paulo Oliveira Ramos*

Abstract

The majority of works concerning vandalism against cultural heritage combine two features: the inventory of vandalism cases (e.g. by country, region, or city, over a given period of time), and the inventory of the correspondent causes of destruction. This article has emerged within the scope of an on-going research about the subject of vandalism against cultural heritage in Portugal. This comprises three steps: 1 – to recollect some of the major contributions regarding the study of this topic; 2 – to inquire into the range of causes ascribed to vandalism throughout the nineteenth century in Portugal; 3 – to evoke the hitherto unknown contribution of Luís Chaves in cataloguing these causes.

Keywords: Cultural heritage; Vandalism; 19th Century; Portugal; Luís Chaves.

On seeing sculptures decorating a house at Le Mans being sawed up, the man was asked: “Mais vous êtes donc un Vandale?” Celui-ci, sans comprendre, lui répondit tranquillement: “Non, Monsieur, je suis épicier à Mayenne.”
c. 1830.¹

1 – VANDALISMO: CASOS E CAUSAS

Ainda antes da Revolução Francesa – como se sabe a Revolução foi um momento crucial na história da salvaguarda do património – o 1.º marquês de Abrantes, D. Rodrigo Anes de Sá Almeida e Meneses (1676-1733), deixou-nos um contributo primordial sobre a questão do vandalismo patrimonial. Escrevendo em 1721 sobre o então seu “estudo” disse:

Devo tambem eu dar conta do meu estudo, e sendo elle de pedras, só nas fabricas, que resistindo às injurias do tempo se conservaõ, ou nas que cedendolhe se arruinaõ, póde empregarse a minha diligencia: mas como estes volumes senão revolvem facilmente, he preciso que se mova quem os busca, e que em repetidas viagens os observe.²

* Universidade Aberta. Membro integrado do IHA da FCSH da Universidade Nova de Lisboa. poramos@uab.pt

¹ Citado por Michael Greenhalgh, *Destruction of Cultural Heritage in 19th-century France. Old Stones versus Modern Identities*. Leiden / Boston: Brill, 2015, p. 122.

² “Noticias da Conferencia, que a Academia Real da Historia Portugueza fez em 31 de Julho de 1721”, in *Colleçam dos Documentos, Estatutos e Memorias da Academia Real da Historia Portugueza, Que neste anno de 1721 se compuserão, e se imprimirão por ordem dos seus Censores*

Foi assim que ao percorrer o Alentejo em 1721, na sua “jornada [...] a Santiago de Cacem”,³ ao referir-se às ruínas da antiga cidade de Miróbriga, lembrou que “Andrè de Resende diz que vira muros, e Torres, em algumas partes inteiros, em outras meyo derrubados, fonte de cantaria, aqueducto, e ponte”, a que reagiu dizendo:

Se elle vira hoje este sitio, como eu o vi, não achàra tantos rastos da antiga grandeza Lusitana, porque nada permanece senão alguns alicerces, que escondidos na terra escapàrão à barbara voracidade dos circunvisinhos, que mais activa, que a do tempo, desfez aquillo mesmo, a que elle em tantos seculos havia perdoado: não ha Torres, não ha muros, não ha ponte, nem aqueducto; só existe a fonte, porque espontaneamente se manifesta; e por mais que della tirem, sempre corre, como para fugir daquelles, a quem innocente se entrega.⁴

E, mais à frente, de modo lapidar, apontou três causas de tais actos:

Do que tenho relatado, e do mais, que hey de dizer, facilmente se demonstra que a ignorancia, e a negligencia são duas feras devoradoras mais activas, que o mesmo tempo.⁵

Na mesma linha, quatro anos mais tarde, o padre Jerónimo Contador de Argote (1676-1749) lembraria a propósito do “estrageo dos monumentos”⁶ romanos também “a negligencia universal dos tempos, a malícia particular dos curiosos, e a ignorancia, e desprezo dos rusticos [...] que a muitos [monumentos], ainda mais que o tempo, fez inúteis talvez a barbaridade, e talvez a ingratitude”.⁷ Disse ele: “Os montes se vem coroados de ruínas, mas roubada a pedraria, quasi se lhes não divisa a architectura”.⁸

O *abbé* Grégoire (1750-1831) nos seus três *Rapports sur le Vandalisme* que dirigiu à *Convention nationale* em 14 fructidor do ano II, 8 brumário e 24 frimário do ano III⁹, identificou numerosos casos de vandalismo que grassavam no território francês. Depois, lembrou as causas. Entre estas Grégoire apontou logo no primeiro *Rapport* a ignorância, a negligência, a malevolência e a aristocracia a que acrescentaria, no terceiro *Rapport*, a indiferença criminosa e a vigarice.

Recordemos, ora, duas referências devidas a Victor Hugo (1802-1885). Atente-se, antes, na observação de Dario Gamboni segundo a qual “Les textes de Victor Hugo consacrés à la défense du patrimoine font partie des incunables du culte du patrimoine”.¹⁰ Em 1831, em *Nossa Senhora de Paris* – onde Jean-Michel Leniaud

dedicada a El Rey Nosso Senhor, seu Augustissimo protector e ordenada pelo Conde de Villa Mayor, Secretario da mesma Academia. Lisboa Occidental: Na Officina de Pascoal da Sylva, MDCCXXI, [fl. 113].

³Essa sua “jornada” além Tejo teve o seguinte itinerário: Alcácer do Sal, Santiago de Cacém, Castro Verde, Évora, Marvão e Abrantes.

⁴“Noticias da Conferencia, que a Academia Real da Historia Portugueza fez em 31 de Julho de 1721”, in *Colleçam dos Documentos, Estatutos e Memorias da Academia Real da Historia Portugueza...* Lisboa Occidental: Na Officina de Pascoal da Sylva, MDCCXXI, [fl. 118v].

⁵*Ibidem.*

⁶“Noticias da Conferencia, que a Academia Real da Historia Portugueza fez em 7. de Setembro de 1725”, in *Colleçam dos Documentos, e Memorias da Academia Real da Historia Portugueza, Que neste anno de 1725. se compuzerão, e se imprimirão por ordem dos seus Censores, dedicada a El Rey Nosso Senhor, seu Augustissimo protector E ordenada pelo Marquez de Alegrete Manoel Telles da Sylva, Secretario da mesma Academia.* Lisboa Occidental: Na Officina de Pascoal da Sylva. M.DCCXXV, pp. 21-23.

⁷*Idem*, p. 23.

⁸*Ibidem.*

⁹Respectivamente 31 de Agosto de 1793, 29 de Outubro e 14 de Dezembro de 1794.

¹⁰Dario Gamboni, “On dénonce un monument: Victor Hugo et l’actualité des atteints volontaires au patrimoine”, in Roland Recht (dir.), *Victor Hugo et le débat patrimonial.* Paris : Somogy / Institut national du patrimoine, 2003, p. 247.

viu “une théorie du respect du passé”¹¹ que implicava “une hiérarchie des menaces”¹² –, escreveu Hugo o seguinte:

Se tivéssemos tempo de ir com o leitor examinar um por um os diversos vestígios de destruição marcados na velha igreja, a parte que o tempo causou seria a mais insignificante, a peor seria a dos homens, e principalmente *dos homens da arte*; porque ha individuos que nestes últimos dois séculos se tem intitulado architectos.¹³

No ano imediato deu à estampa na *Revue des Deux Mondes*¹⁴ o artigo *Guerre aux Demolisseurs!* onde, a pena huguesca, traçou um retrato do vandalismo parisiense.

A Paris, le vandalisme florit et prospère sous nos yeux. Le vandalisme est architecte. Le vandalisme se carre et se prélasse. Le vandalisme est fêté, applaudi, encouragé, admiré, caressé, protégé, consulté, subventionné, défrayé, naturalisé. Le vandalisme est entrepreneur de travaux pour le compte du gouvernement. Il s’est installé sournoisement dans le budget, et il le grignote à petit bruit, comme le rat son fromage. Et certes, il gagne bien son argent. Tous les jours il démolit quelque chose du peu qui nous reste de cet admirable vieux Paris. Que sais-je ? le vandalisme a badigeonné Notre-Dame, le vandalisme a retouché les tours du Palais de Justice, le vandalisme a rasé Saint-Magloire, le vandalisme a détruit le cloître des Jacobins, le vandalisme a amputé deux flèches sur trois à Saint-Germain-des-Prés. Nous parlerons peut-être dans quelques instans des édifices qu’il bâtit. Le vandalisme a ses journaux, ses coteries, ses écoles, ses chaires, son public, ses raisons. Le vandalisme a pour lui les bourgeois. Il est bien nourri, bien renté, bouffi d’orgueil, presque savant, très classique, bon logicien, fort théoricien, joyeux, puissant, affable au besoin, beau parleur, et content de lui. Il tranche du Mécène. Il protège les jeunes talens. Il est professeur. Il donne de grands prix d’architecture. Il envoie des élèves à Rome. Il porte habit brodé, épée au côté et culotte française. Il est de l’Institut. Il va à la cour. Il donne le bras au roi, et flâne avec lui dans les rues, lui soufflant ses plans à l’oreille. Vous avez dû le rencontrer.

Quelquefois il se fait propriétaire, et il change la tour magnifique de Saint-Jacques-de-la-Boucherie en fabrique de plomb de chasse, impitoyablement fermée à l’antiquaire fureteur; et il fait de la nef de Saint-Pierre-aux-Bœufs un magasin de futailles vides, de l’hôtel de Sens une écurie à rouliers, de la Maison-de-la-Couronne-d’or une draperie, de la chapelle de Cluny une imprimerie. Quelquefois il se fait peintre en bâtiments et il démolit Saint-Landry pour construire sur l’emplacement de cette simple et belle église une grande laide maison qui ne se loue pas. Quelquefois il se fait greffier, et il encombre de paperasses la Sainte-Chapelle, cette église qui sera la plus admirable parure de Paris, quand il aura détruit Notre-Dame. Quelquefois il se fait spéculateur, et dans la nef déshonorée de Saint-Benoît il emboîte violemment un théâtre, et quel théâtre ! Opprobre ! le cloître saint, docte et grave des bénédictins, métamorphosé en je ne sais quel mauvais lieu littéraire !¹⁵

¹¹ Jean-Michel Leniaud, “Victor Hugo et le débat patrimonial: conjoncture et conjectures”, in Roland Recht (dir.), *Victor Hugo et le débat patrimonial*. Paris: Somogy / Institut national du patrimoine, 2003, p. 303.

¹² *Ibidem*.

¹³ Victor Hugo, *Nossa Senhora de Paris. Romance*. Lisboa: Typographia da Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Uteis, 1841, p. 122. Esta 1.ª tradução para a língua portuguesa tem um curioso *Prefacio do Traductor*. Aí se lê: “N’uma época em que se tratam os monumentos portuguezes com tanta crueldade, este romance virá talvez fornecer a algum leitor sensato uma ou duas horas de sério meditar” (p. IV). Seguem-se referências ao “famoso convento de Alcobaça [que] está inteiramente abandonado” e a Mafra “um edificio que se está arruinando” (p. IV).

¹⁴ Tome Cinquième, Paris, 1832, pp. 607-622.

¹⁵ Victor Hugo, *Guerre aux Demolisseurs!*. Montpellier: L’Archange Minotaure, s/d, pp. 35-37.

Um ano mais tarde, Charles de Montalembert (1810-1870) publicou também na *Revue des Deux Mondes* o artigo “Du Vandalisme en France. Lettre à M. Victor Hugo”,¹⁶ onde estabeleceu um quadro com as diferentes categorias de vandalismo (destruidor e restaurador) e dos vândalos:

I. VANDALISME DESTRUCTEUR.

Première catégorie. – La liste civile et le gouvernement.

2^e Les maires et les conseils municipaux.

3^e Les propriétaires.

4^e Les conseils de fabrique et les curés.

En 5^e lieu, et à une très grande distance des précédens, l'émeute.

II. VANDALISME RESTAURATEUR.

Première catégorie. – Le clergé et les conseils de fabrique.

2^e Le gouvernement.

3^e Les conseils municipaux.

4^e Les propriétaires.

Em 1838 Alexandre Herculano (1810-1877) iniciou a publicação em *O Panorama* dos seus quatro artigos¹⁷ que, mais tarde, republicaria no volume II dos *Opúsculos* e a que chamou *Monumentos Pátrios (1838)*. Entre casos de vandalismo (Santa Cruz de Coimbra, Batalha, Alcobaça, convento de Cristo em Tomar, mas também “a antiquíssima parochia de Sancta Marinha, ou a de S. Martinho”¹⁸ em Lisboa, entre outros) e as referências às suas causas, Herculano deixou-nos um retrato do próprio vândalo que trazemos aqui na sua primeira versão:

Corre o vandalismo despeado de um a outro extremo do reino, e tudo assola e desbarata; e o mais é que não ha colhe-lo ás mãos e affoga-lo; porque, semelhante a comico perfeito, desempenha todos os papeis, e veste-se com todos os trajos. Aqui é vereador municipal; alli administrador de concelho: ora é ministro, logo deputado: hoje escriptor; amanhã empregado publico: corre na carruagem do fidalgo; faz assentos de debito e credito no escriptorio do mercador; dá syllabadas em latim de missaes; prega, por caffès, sermões de economia política, e de direito publico; capitanea soldados; vende bens nacionaes; ensina sciencias: emfim é tudo e mora por toda a parte. Attento a que não sóe em nenhum lugar uma unica voz do passado, esbraveja, argumenta, esfalfa-se; e é necessario um ruido de monumento desabando, para que elle adormeça por um pouco, e repouse da sua perpetua lida.

Apesar desta ferocidade do vandalismo não se créa que elle é descuidado no vestido, medonho de cactadura, descomposto nos ademanos: não senhores! O vandalismo é aprimorado no traje, lhano no gesto, cortez no tracto. Encontra-lo-heis nas sallas requebrando as damas, dançando, tomando chá: vereis que entende francez e inglez; que leu Voltaire e Pigault-Lebrun, e que sabe quasi lêr e escrever portuguez. Que não veja um monumento, e será o ente mais pacifico deste mundo.¹⁹

¹⁶T. 1, 1833, pp. 477-524. O excerto em causa encontra-se na p. 485.

¹⁷São eles: “Os Monumentos (I)” n.º 69, pp. 266-268, “Os Monumentos II”, n.º 70, pp. 275-277, in vol. II, 1838, e “Mais um brado a favor dos monumentos” (I e II), vol. III, 1839, n.º 93, pp. 43-45, e n.º 94, pp. 50-52.

¹⁸*O Panorama*, vol. II, 2.º da 1.ª Série, n.º 70, 1 de Setembro de 1838, p. 275.

¹⁹*Ibidem*.

Em meados do século XX surgiram duas notáveis publicações que deram conta do martirologio dos monumentos de Inglaterra (Martin S. Briggs, 1952) e de França (Louis Réau, 1959) ao longo dos tempos. Nessas duas obras, ambos os autores, inventariam os monumentos desaparecidos nos seus países e aduzem as causas principais da sua destruição.

Martin S. Briggs (1882-1977), autor de *Goths and Vandals. A study of the destruction, neglect and preservation of historical buildings in England*,²⁰ recorreu a Edward Gibbon (1737-1794) e à sua *The History of The Decline and Fall of the Roman Empire*. Primeiro, para inspiração do próprio título da sua obra. Na verdade, Gibbon usa abundantemente a expressão “Goths and Vandals”. Depois, Briggs valeu-se de Gibbon para inferir as causas destrutivas.

After a diligent inquiry, I can discern four principal causes of the ruin of Rome, which continued to operate in a period of more than a thousand years: (i) the injuries of time and nature; (ii) the hostile attacks of the Barbarians and Christians; (iii) the use and abuse of the materials; and (iv) the domestic quarrels of the Romans.²¹

Louis Réau (1881-1961), por seu lado, pronunciou em 1948 um primeiro discurso sobre a matéria: *Le Vandalisme en France et ses ravages*²² feito no âmbito da *Séance annuelle des cinq académies*²³ promovida pelo *Institut de France* (25 de Outubro).²⁴ Quatro anos passados voltou ao tema também na *Séance annuelle des cinq Académies* (25 de Outubro de 1952) com uma intervenção intitulada *Le Vandalisme pudibond*.²⁵ A estas duas palestras seguiu-se a edição em dois volumes da *Histoire du vandalisme. Les monuments détruits de l'art français*²⁶ e, posteriormente à morte de Louis Réau, esse trabalho sairia com o mesmo título mas num único volume numa edição revista e aumentada por Michel Fleury e Guy-Michel Leproux.²⁷ Ao longo das suas 1190 páginas impressas em papel bíblia recenseiam-se inúmeros casos de vandalismo mas, também, uma listagem do que chamou *Classification des variétés du vandalisme* (p. 9). A saber:

- i) Les mobiles inavoués: Instinct brutal de destruction, Le v. Cupide, Le v. Envieux; Le v. Intolerante, Le v. imbécile: la graffitomanie.
- ii) Les motifs avouables: Le v. Religieux, Le v. pudibond, Le v. sentimental; Le v. esthétique, L'Elginisme.

Saltemos para os anos finais do século XX. Anos depois de ter escrito *Un iconoclasme moderne. Théorie et pratiques contemporaines du vandalisme artistique*,²⁸ Dario Gamboni publicou em 1997 *The Destruction of Art*.

²⁰ London: Constable, 1952.

²¹ Edward Gibbon, *The History of The Decline and Fall of the Roman Empire*. London: Joseph Ogle Robinson, 1830, p. 1277.

²² Paris: Firmin-Didot, 1948.

²³ Cinco academias: *Académie française, Académie des inscriptions et belles-lettres, Académie des sciences, Académie des beaux-arts e Académie des sciences morales et politiques*. A sessão pública anual das cinco academias tem lugar na terça-feira mais próxima do dia 25 de Outubro.

²⁴ O dia 25 de Outubro corresponde à data de criação do *Institut de France* em 1795.

²⁵ Paris: Typ. de Firmin-Didot et Cie, 1952.

²⁶ Paris: Hachette, 1959. Tomo I, *Du Haut Moyen Âge au XIX^e siècle*; Tomo II, *XIX^e et XX^e siècles*, respectivamente com 424 e 344 pp.

²⁷ Paris: Robert Laffont, 1994.

²⁸ Zurich / Lausanne: Institut Suisse pour l'Étude de l'Art / Les Éditions d'En Bas, 1983.

Iconoclasm and Vandalism since the French Revolution,²⁹ primeiro trabalho de fundo a examinar de modo sistemático a iconoclastia e o vandalismo nos tempos modernos.

Em 2014 Vítor Serrão deixou-nos, sob a forma de prefácio, a estimulante reflexão *Portugal em ruínas. Uma história cripto-artística do património construído*.³⁰ Partindo de um conjunto alargado de fotografias de vestígios de património de origem eclesiástica, militar, civil e industrial Serrão esboçou, igualmente, as causas dessa situação:

[...] as guerras e as catástrofes naturais, os megassismos e os incêndios, as invasões estrangeiras e as fases de conturbação intestinal, os maus restauros e as ondas de iconoclastia [...] mas também a inconsciência das tutelas, a ambição de especuladores sem escrúpulos, a desmemória de muitas comunidades e a falta de instrumentos legais de preservação e salvaguarda.³¹

2 – PORTUGAL

Portugal não tem uma obra equivalente às de Biggs ou Réau acima citadas. A que mais se aproxima é, ainda hoje, o conjunto dos primeiros capítulos de *O Culto da Arte em Portugal*, de Ramalho Ortigão (1836-1915), obra publicada em Abril de 1896.³² Inclui, ela também, uma descrição relativamente limitada de casos de vandalismo, pois, como escreveu o autor:

Levaria muito tempo e seria excessivamente triste ennumerar todos os attentados de que teem sido e continuam a ser objecto, perante a mais desastrosa indiferença dos poderes constituídos, os monumentos architectonicos da nação...³³

Mesmo assim, Ramalho lembrou, entre outros, os casos sucedidos em Lisboa, Batalha, Ponte de Lima, Santarém, Leiria, Porto, Coimbra, Alcobça, Évora, Palmela, Paço de Sousa, Guimarães, Tomar, Almoester, Braga e Vidigueira. Detenhamo-nos num episódio exemplar de vandalismo descrito por Ramalho:

Finalmente, ao lado da Torre de Belem, o mais peregrino entre os mais bellos monumentos da nossa architectura, estabelece-se o gazometro da companhia de illuminação a gaz! [...] a Torre de Belem emparceira-se com a chaminé do mais vil e sordido barracão, a qual sacrilegamente a cuspinha e enodôa com salivadas de um fumo espesso, gorduroso e indelevel, como se a incomparavel joia [...] houvesse sido tão subtilmente cinzelada pelos artistas manoelinos para escarrador de mariolas, por cima do qual todavia ainda algumas vezes, em dias de gala, se desfralda e tremula o pavilhão das quinas, mascarrado de carvão como um chéché de entrudo.³⁴

²⁹ London: Reaktion Books, Ltd., 1997. Existem traduções em inglês, espanhol e francês.

³⁰ Vítor Serrão, “Portugal em ruínas. Uma história cripto-artística do património construído”, in Gastão de Brito e Silva, *Portugal em ruínas*. Lisboa: Fundação Francisco Manuel dos Santos, 2014, pp. 7-46.

³¹ *Ibidem*, pp. 12-13.

³² Esta aproximação à data de publicação nasceu de uma pequena nota inserta em *Branco e Negro*, nº 1 (5 de Abril), p. 5: “A amabilidade do illustre auctor da *Hollanda* devemos o poder mimosear os nossos leitores com este bello trecho, deliciosa *primeur* do seu novo livro. *O culto da arte em Portugal*, que deve apparecer na proxima semana, n’uma elegante edição de Antonio Maria Pereira”.

³³ Ramalho Ortigão, *O Culto da Arte em Portugal*. Lisboa: Antonio Maria Pereira, 1896, p. 16.

³⁴ *Ibidem*, pp. 83-84.

Quanto às causas destrutivas Ramalho apontou:

A auctoridade, incerta, vagamente definida, a quem tem sido confiada a conservação e a guarda da nossa architectura monumental, procede com esse enfermo, de quem se incumbiu de ser o enfermeiro, por dois methodos differentes: umas vezes deixa-o morrer; outras vezes, para que elle mesmo não tome essa resolução lamentavel, assassina-o. Na primeira hypothese a calamidade correlativa chama-se *abandonar*. Na segunda hypothese a catastrophe correspondente chama-se *restaurar*, – gallicismo technico, recentemente introduzido no vocabulario nacional, mas ainda não definido vernaculamente na applicação pratica.³⁵

Mas Ramalho Ortigão não esteve sozinho na tarefa de esboçar uma “cartografia de tristezas”,³⁶ como lhe chamou Vítor Serrão. Conhecem-se, ao longo de todas as décadas do século XIX, inúmeras intervenções – ora localizando casos concretos de vandalismo, ora assinalando as causas destrutivas dos mesmos, ora ambas situações – resultantes, estamos em crer, da “atenção especial com que todos os povos cultos principiaram a considerar a obra material de passado”³⁷ como escreveu o autor d’*O Culto da Arte em Portugal*.

Para familiarizar os eventuais leitores deixamos de seguida alguns extractos dessas intervenções:

Em 1822 Morais Sarmiento disse:

[...] no meio de Lisboa se consentiu que os padres que rezão na igreja da Conceição velha, mutilassem a belleza do frontespicio de um tão interessante templo, mandando rasgar as janellas, destruindo um monumento antigo, que zombou do tempo, e não só não pôde resistir aos caprixos dos homens.³⁸

Almeida Garrett, em 1829, escreveu num texto que viu a luz do dia em Londres:

Pois nem o singelo monumento ao grande rei D. Diniz escapou á emplastagem universal? Nem o respeito á sua memoria, nem a veneração a tam honradas cinzas, nada valeu! – Coitadas, as pobres freiras, e o toicinhudo confessor (o convento é Bernardo e governado por Bernardos) cuidaram talvez fazer uma obra meritoria, uma honraria á memoria do fundador, caiando-lhe, encaijando-lhe, borrando-lhe e sarapintando-lhe o monumento.³⁹

Na obra *Monumentos Sacros de Lisboa em 1833*, Luís Gonzaga Pereira lembrou (entre vários outros exemplos):

A Igreja [de Corpus Christi] e convento foi vendido, para se formar em simetria a cidade, e desta forma acabou a Igreja da incomparavel Memoria do Snr. Rey D. João 4.º, de saudosa memoria.⁴⁰

O Panorama, Jornal Litterario e Instructivo da Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Uteis no volume de 1842 afirmou:

[...] devia [o architecto] conservar quanto lhe fosse possivel o resto do edificio antigo [da Sé de Lisboa], na conformidade do regio aviso, que lhe foi expedido: porem não se occupou senão em o enfeitar para ser agradavel á vista, e decora-lo com apparatusos estuques: erro gravissimo em meu entender, porquanto

³⁵ *Ibidem*, p. 17.

³⁶ Vítor Serrão, “Portugal em ruínas. Uma história cripto-artística do património construído”, in *ob. cit.*, p. 17.

³⁷ Ramalho Ortigão, *ob. cit.*, p. 13.

³⁸ *Diario das Cortes Gerais...*, n.º 28, 4.09.1822, p. 349.

³⁹ Almeida Garrett, *Lyrica de João Minimo*. Londres: Sustenance & Stretch, MDCCCXXIX, pp. XX-XXVI.

⁴⁰ *Monumentos Sacros de Lisboa em 1833 por Luís Gonzaga Pereira*. Lisboa: Oficinas Gráficas da Biblioteca Nacional, 1927, p. 92.

esses estuques em uma localidade visinha ao mar [entende-se o Tejo], passados alguns annos havia de esbroar-se, e abrir-se em fendas, como já se conhece em algumas partes [...].⁴¹

Almeida Garrett nas *Viagens na Minha Terra*, de 1846, escreveu:

Nos reparos e reconstrucções dos templos antigos é que este pessimo stylo, ésta ausencia de todo stylo, de toda a arte mais offende e escandaliza.

Olhem aquella impena classica posta de remate ao frontispicio todo renascença da Conceição-velha em Lisboa. Vejam a implastagem de geço com que estão mascarados os elegantes feixes de columnas gothicas da nossa sé.

[...]

Dize-lhe que te não vendam as pedras de teus templos, que não façam palheiros e estrebarias de tuas egrejas; que não mandem os soldados jogar a pella com as caveiras dos teus reis, e a bilharda com as cannellas dos teus sanctos.

[...]

Oh nação de barbaros! Oh malditto povo de iconoclastas que é este!⁴²

Alexandre Herculano, no *Monge de Cister*, com primeira edição em 1848, lembrou:

Entre todas as cidades herdeiras do nome das suas antepassadas é a nossa Lisboa uma daquellas cujo tronco é mais antigo e cujas renovações tem sido mais frequentes. Além das mudanças que nella devia produzir a sucessão dos tempos, os terremotos, os incendios e as guerras visitaram-na tantas vezes, que apenas lhe restam raros e quase apagados vestígios dessas existências de larga vida, desses edificios monumentais, que nas outras cidades da Europa contam o passado ao presente.⁴³

Costa Cascais escrevendo em *O Panorama* em 1854 expôs:

A *demolimania* felizmente passára de moda. O camartelo dos *alinhadores* retrahira-se um pouco, é certo; porém, não só o desleixo tem contribuido para a successiva destruição de muitos dos nossos monumentos, como tambem e talvez mais as pretendidas reparações dos pseudo-conservadores.⁴⁴

No mesmo ano Luiz da Silva Mousinho de Albuquerque escreveu:

[...] não posso eu abster-me de lamentar o atrevimento, com o qual homens sem conhecimento e sem gosto se arrojam a juntar o parto mesquinho e apocado de suas imaginações ás obras do talento e do génio, alterando com ellas os primores da verdadeira arte. Quando a mão do tempo e a acção invencivel da natureza alteram as obras dos homens, quando as ruinas são o resultado inevitavel do curso dos seculos, aquelle que as contempla sente uma impressão de respeito e por ventura de saudade, que se alguma cousa tem de melancolico, não desperta outro algum sentimento menos contemplativo nem menos suave.⁴⁵

⁴¹ “A Sé de Lisboa”, in *O Panorama, Jornal Litterario e Instructivo da Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Uteis*. Lisboa, 1842, vol. I, 2.^a Série, n.º 25, pp. 26-27.

⁴² Almeida Garrett, *Viagens na Minha Terra*, II. Lisboa: Na Typographia da Gazeta dos Tribunaes, 1846, pp. 21, 109 e 159.

⁴³ Alexandre Herculano, *Monge de Cistér ou a Época de D. João I* (2.^a edição), tomo I. Lisboa: Na Imprensa Nacional, 1859, p. VII (1.^a ed. 1848).

⁴⁴ J. da Costa Cascaes, “Monumentos”, in *O Panorama, Jornal Litterario e Instructivo da Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Uteis*, vol. XI, Terceiro da Terceira Série, n.º 27, 8 de Julho de 1854, p. 212.

⁴⁵ *Memoria Inedita acerca do Edificio Monumental da Batalha por Luiz da Silva Mousinho de Albuquerque*. Leiria: Typographia Leiriense, 1854, pp. IX-21.

Em Fevereiro de 1867, durante a discussão do projecto de Lei n.º 101 na Câmara dos Senhores Deputados, foi dito:

Na nossa terra [...] estes monumentos dividem se hoje em duas classes: os que estão em completa ruína e os que se acham barbaramente restaurados, isto é, completamente estragados e deturpados com a architectura primitiva inteiramente alterada, ou pelo menos viciada com obras que se lhes têm feito sem analogia, alguma, com o estylo e género com que foram edificados. N'elles uma architectura moderna ou, para melhor dizer, a falta de architectura briga com os poucos vestigios que restam da antiga. Melhor fôra não lhes ter tocado, antes, mil vezes antes, cáissem desfeitos em pó, do que soffressem tal vandalismo.⁴⁶

Inácio de Vilhena Barbosa em “Os Monumentos”, folhetins publicados no *Commercio do Porto* em 1873 e republicados no *Boletim da Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes*⁴⁷ falou-nos da “barbaria das gerações passadas”, as “empresas atrevidas de além mar”, o “arrefecimento dos brios nacionais” e as “longas discordias civis”.

O marquês de Sousa Holstein, em publicação de 1875, concluiu:

Estão estes [Monumentos Historicos] inteiramente descuidados entre nós, com excepção da Batalha e do templo romano em Evora. O sudario das nossas miserias a este respeito é tal, que nos envergonha mesmo estende-lo aqui á puridade e diante só de olhos portuguezes. A maior parte d'aquellas venerandas reliquias do passado ou desapareceram para sempre ou estão ameaçando imminente ruina. Umhas foram voluntariamente destruidas, depois de voluntariamente concedidas, para darem logar a construcções modernas; outras foram successivamente minadas pela implacavel mão do tempo; outras estão barbaramente deturpadas pela mão dos homens, que sob pretexto de restaura-las, lhes tiraram toda a feição que as caracterisava.

Sobram exemplos de tudo, mas é dolorosos confessar que mais foram os monumentos destruidos pela acção violenta dos homens do que pela acção vagarosa do tempo. *Tempus edax, homo edacior*.⁴⁸

O conhecido “Relatorio e mappas ácerca dos edificios que devem ser classificados Monumentos Nacionaes apresentados ao Governo pela Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes em conformidade com a portaria do Ministerio das Obras Publicas de 24 de Outubro de 1880” referia como causas para o vandalismo patrimonial:

As invasões e guerras estrangeiras, que tantas vezes, no correr dos seculos, têm assolado esta nossa região; as commoções do solo, que lhes são peculiares. E que por muitas vezes têm alastrado a terra de ruinas e de cadaveres; o embate corrosivo do tempo, e, ainda peor do que este embate, e do que os proprios cataclysmos da natureza, o alvião destruidor nas mãos barbaras dos demolidores ignorantes; e enfim, a trolha dirigida nas reedificações por artificios igualmente inscientes, tem derrocado e feito desaparecer, ou desfigurado a maior parte d'aquellas estimaveis memorias de tantas gerações, sumidas na voragem dos seculos.⁴⁹

⁴⁶ *Diário da Câmara dos Senhores Deputados*, n.º 28, Sessão de 11 de Fevereiro de 1867, pp. 422-424.

⁴⁷ Tomo IX, 4.ª Série, 1908, p. 546.

⁴⁸ Marquês de Sousa Holstein, *Observações sobre o Actual Estado do Ensino das Artes em Portugal, a Organização dos Museus e o Serviço dos Monumentos Historicos e da Archeologia*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1875, p. 41. Vamos encontrar esta mesma locução latina em Victor Hugo, na obra *Notre-Dame de Paris*: “Sobre a face daquela velha rainha das nossas cathedraes, ao pé de uma ruga vê-se sempre uma cicatriz. *Tempus edax, homo edacior*; o que de boa vontade traduzirei assim: o tempo é cego, o homem estúpido”. Ver Victor Hugo, *Nossa Senhora de Paris. Romance*. Lisboa: Typographia da Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Uteis, 1841, p. 122.

⁴⁹ *Diario do Governo*, n.º 62, 19 de Março de 1881, p. 694.

O Século, de 9 de Dezembro de 1897, apontava a “invasão francesa”, a “fuga da família real para o Brasil” e as “incessantes visitas de viajantes estrangeiros”.

3 – LUÍS CHAVES

Exactamente dois séculos depois do alvará joanino de 20 de Agosto de 1721 “que mandava dar providencia para se conservarem os monumentos antigos”⁵⁰, Luís Chaves (1889-1975) leu na sessão de 30 de Junho de 1921 da Associação dos Arqueólogos Portugueses o manuscrito intitulado “A Política dos Monumentos”. Parte dessa memória (páginas 10 a 16 do manuscrito) foi publicada no ano seguinte em *Arqueologia e História* com o mesmo título.⁵¹

Nas páginas ainda hoje inéditas do manuscrito (1 a 9 e 17 a 20, correspondendo estas últimas às notas da comunicação) e, em concreto na página 19 do manuscrito, o autor procurou, para além de elencar alguns casos de vandalismo – como aliás fizera aqui e além na parte do texto publicado em *Arqueologia e História* – ao tentar identificar os “diversos agentes, tendencias e intuitos” envolvidos nas causas destrutivas do património nacional, organizar uma listagem assaz completa das causas desses (e de outros) vandalismos. É esse documento, quase centenário, que se transcreve de seguida:

Outra lista a fazer, bem elucidativa e clara, é a dos monumentos injuriados por diversos agentes, tendencias e intuitos.

- a) agentes naturais: destruição do tempo, cataclismos, incendios, etc
- b) adaptações: em templos, castelos...
- c) reconstruções: quasi todos os templos historicos o mostram com maior ou menor grau
- d) conservações: caiações, deturpações, visíveis em quasi todos os monumentos.
- e) transformações: como por ex. as da Sé da Guarda, que tanto a mascararam.
- f) acabamento em epoca diferente: é curioso o exemplo dos Jeronimos, iniciados em renascimento manuelino, concluidos no classico da capela-mór.
- g) construções através de períodos diferenciados: todos os templos importantes e mosteiros ricos e protegidos se foram construindo à mercê da epoca e da riqueza.
- h) ampliações: convento de Cristo com todas as fases historicas, pela ampliação que em cada reinado se lhe imprimia, etc.
- i) destruição acintosa:
 - oficial: destruição de templos, muralhas, pelourinhos, etc.
 - particular: destruição de palacios, pormenores architecturaes, templos, cruzeiros, etc. Saque de edificios em ruina (castelos, o interessante alcacer do Castelo de Obidos).

⁵⁰ “Noticias da Conferencia, que a Academia Real da Historia Portugueza fez em 14 de Agosto de 1721”, in *Colleçam dos Documentos, Estatutos e Memorias da Academia Real da Historia Portugueza, Que neste anno de 1721 se compuserão, e se imprimirão por ordem dos seus Censores dedicada a El Rey Nosso Senhor, seu Augustissimo protector e ordenada pelo Conde de Villa Mayor, Secretario da mesma Academia*. Lisboa Occidental: Na Officina de Pascoal da Sylva, MDCCXXI, [fl. 102].

⁵¹ Associação dos Arqueólogos Portugueses, *Arqueologia e História*, vol. I. Lisboa, 1922, pp. 76-83.

j) desleixo, incuria, abandono: neste capítulo se incluiria o votado abandono de lesa-arte da Torre de Belem, vergonhosamente danificada pela infiltração dos gases e fumaceiras do gazometro, que lhe fica nas proximidades, e não ha forças humanas que de lá o tirem.

k) restaurações: que modificam a feição primitiva, alterando-a ou por acudir a estragos ou por enriquecer com algumas novas dadivas as primeiras instalações, o que se vê em quasi todos os melhores monumentos.

l) amputações: muralhas interrompidas ou desprovidas das suas portas, elementos architectonicos destruidos, modificados ou deslocados.

m) alargamento citadino: toda essa guerra ao monumento para ampliar e descongestionar as cidades, contra todo o respeito do patrimonio artistico e contra o pitoresco individualizado e caracteristico das cidades, tão mantido nessa Holanda magistral, que nos descreve e insinúa Ramalho Ortigão no seu belo livro de viagem. Arcos (de S.^{to} André em Lisboa, e de Almedina em Coimbra), muralha (Lisboa, Estremoz, quasi todas, e tão de salvar no castelo admiravel da linda vila de Obidos que eu algum dia chamei e repito “vila museu”), capela de S. João Baptista em Beja... e tantos monumentos, que as camaras municipaes tem deitado abaixo para aformoseamento das povoações.

E outros capitulos formariam este sudario de lastima.

4 - CONCLUSÃO

Nas páginas anteriores ficou um pouco do trabalho que vimos fazendo, há já anos, na senda de esclarecer o lugar do vandalismo na história da salvaguarda do património. Como farol do nosso caminho, ao qual esperamos voltar em breve, têm estado, desde sempre, as palavras lúcidas de Louis Réau: “Ces monuments disparus ne doivent pas servir de pretexte à des vaines lamentations, mais devenir un sujet d’étude”⁵².

⁵² Louis Réau, “Le vandalisme en France et ses ravages”, in *Revue des Deux Mondes*, novembre 1948, p. XXII.